



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## ESTUDOS DE ECONOMIA RURAL DO MINHO. A CULTURA DO MATO.

SAMPAIO, Alberto

Ano: 1886 | Número: 3

---

### Como citar este documento:

SAMPAIO, Alberto, Estudos de economia rural do Minho. A cultura do mato. *Revista de Guimarães*, 3 (3) Jul.-Set. 1886, p. 146-159.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# ESTUDOS D'ECONOMIA RURAL DO MINHO

## A cultura do mato

Por toda a parte, nos cimos dos montes e nas ladeiras ingremes, entre as penedias que afloram á superficie, onde nunca poderá chegar a charrua, ou em baixo nos sitios mais magros e pedregosos, d'onde jámais tirará qualquer proveito, nascem espontaneamente estes arbustos silvestres e bravios, conhecidos pela denominação geral de « mato », dando aos montes todo o anno pela persistencia das suas pequenas folhas, uma côr verde característica e em certas épocas cobrindo-se de bonitas flôres amarellas. Communs a todas as formações graníticas, rudes e intrataveis por causa dos seus espinhos agudos, são, apesar da sua difficil abordagem, uma das mais preciosas produções com que a natureza quiz porventura compensar a pobreza inicial d'estes terrenos, e que o genio da raça, que se fixou no paiz, soube converter em beneficio dos outros que melhor se prestavam ao cultivo.

É assim em todos os paizes graníticos, desde o Minho até á Bretanha: em todos a agricultura recorre áquellas plantas, como a um dos principaes elementos fertilisadores e de maior valia que a natureza lhe pôz á disposição.

E de facto se viessem a desaparecer, veriamos a produção agricola do Minho muito reduzida: a região contendo 50 % de terras montanhosas, a metade das quaes pelo pouco não daria nenhum vegetal de produção directa, nem outro, a não ser este, que pudesse prestar qualquer auxilio á sua lavoura, o lavrador teria então de applicar ás camas dos animaes a palha com que actualmente em parte do anno sustenta o gado; e a falta d'esta deveria ser substituida por hervagens que teria de produzir especialmente para tal fim nas terras onde

hoje produz ou grãos ou fructos destinados ao sustento do homem. Se o cultivador minhoto pôde accomodar á produção agricola todos os cantos aproveitaveis da sua terra, é sobretudo por causa d'estas sarças agrestes que vegetam até no alto dos montes entre as pedras e que veem fertilisar os campos dos valles e da meia encosta, trazendo-lhes principios fertilisantes, que aliás lhe ficariam muito caros: á falta de conhecimentos technicos positivos, a intuição mostrou-lhe o merecimento economico de taes plantas que se lhe representam com verdade como o mais valioso auxiliar da sua industria.

A palavra «mato» ou «tojo» representa pelo menos tres ou quatro especies botanicas, confundidas como termo geral na linguagem popular, que aliás as distingue perfeitamente quando precisa de as individualisar:

TOJO OU MATO ARNAL: *ulex welwitschianus*, Planchon; *ulex australis*, Wellw.: *ulex europæus*, Brot.

Caulo viloso, folhas agudas; espinhos espalhados e ramosos. Calice hirsuto de duas sepalas coloridas, de foliolo superior ligeiramente bi-denteado. Corolla papilionacea, amarella. Estames monadelphos. Legumen entumescido, apenas mais comprido que o calice. Floresce todo o anno.

TOJO: *stauracanthus aphyllus*, Brot.; *ulex genistoides*, Brot.

Caulo espinhoso; ramos novos pilosos, sem folhas: foliolo superior do calice bi-partido, inferior tri-denteado. Legumen oblongo do dobro do comprimento do calice, viloso, com quatro a cinco sementes. Floresce na primavera.

MATO OU TOJO MOLAR: *genista triacanthus*, Brot.

Folhas glabras, umas simples lanceoladas, outras tornadas rentes; foliolos lineari-lanceolados; espinhos simples e compostos; ramos superiores quasi inermes e sub-tomentosos. Corolla amarella. Floresce entre março e abril.

MATO OU TOJO GADANHO: *genista falcata*, Brot.

Folhas simples, alternas, sub-lanceoladas, espinhos muitas vezes tridenteados. Legumen em forma de fouce. Corolla amarella. Floresce em março e abril<sup>1</sup>.

Estas variedades, ora umas ora outras, acompanhadas qua-

---

<sup>1</sup> Devemos á obsequiosidade do distinctissimo director do jardim botanico da Academia Polytechnica do Porto, o snr. Joaquim Casimiro Barbosa, a descripção das quatro especies, com os seus nomes vulgares.

si sempre mesmo nos terrenos francamente graníticos por uma ou mais especies de urzes (*ericas*), que se tornam predominantes nas zonas schistasas de modo a expulsar completamente as primeiras, cobrem os tractos incultos da provincia e fornecem á sua lavoura a base principal dos estrumes e em certos periodos a pastagem do gado.

Distinguem-se facilmente á primeira vista. O gadanho é delgado, muito espinhoso, e muito difficil pela sua dureza de se decompôr, como elemento de estrume. O arnal é mais grosso, muito picante e muito duro, mas desaggrega-se mais facilmente. O molar é quasi um arbusto civilisado. Conserva sim a sua armadura primitiva, mas as púas são mais flexiveis e menos picantes, quasi não ferem. Desaggrega-se rapidamente, cresce menos que o anterior, mas fórma tufos mais espessos, e quando bem semeado e tratado convenientemente entapeta por igual o terreno, que na primavera e em certo grau de crescimento se apresenta como enrelvado.

São estas duas ultimas as que a cultura utiliza principalmente e que propaga de preferencia, por serem as que se prestam melhor, quer á formação dos adubos quer á pastagem.

- Teem ambas a facultade de vegetar á sombra das arvores, vantagem enorme quer sob o ultimo ponto de vista, porque os animaes encontram ahi no estio uma sombra que aliás lhes faltaria, quer quanto ao primeiro, porque as folhas juntando-se ao mato augmentam o seu rendimento, sendo por isso tambem possivel o estabelecimento de florestas e a arborisação das terras mais ingratas, sem prejuizo da área cultivada. As unicas arvores que o destroem são as resinosas, como o *pinheiro silvestre*, quando embastece em massas compactas. N'este caso o pobre arbusto que resiste ás maiores intemperies e que sabe extrahir da fenda das rochas a sua nutrição, morre á falta de ventilação. O calor suffocante, que se pôde observar nos mezes de verão dentro dos pinhaes densos, abafa-o e destroe-o: mas uma vez desbastados, e convenientemente rareados, continuará a vegetar e a dar o seu utilissimo producto.

O caracter silvestre, que o distingue, permite o seu desenvolvimento em todos estes chãos que abundam na provincia e são chamados « bravios » ou de « monte ». O observador que desconheça os processos da agricultura local, identicos a todos os paizes graníticos, supporá que uma boa parte dos terrenos do Minho não estão aproveitados. Este equivoco desvanecer-se-ha com um exame mais detido. Durante o verão, quando os campos estão semeados de vegetaes uteis e no in-

verno quando o frio não deixa crescer as hervas, o gado encontra alli um pasto saboroso e nutritivo. Cortado, o mato misturado com a folhagem sêcca das arvores dá-lhes uma boa cama, e o que mais é, a base d'um excellente adubo de curral, base tanto mais preciosa quanto a planta exauriu da terra os principios fertilisantes que escasseavam nas suas courelas.

Ouçamos a este respeito o que diz, tratando dos terrenos graníticos, o sabio director do Instituto Agron. de França <sup>1</sup>:

« Muitas vezes tambem o gado vai pastar nos matagaes e traz assim para o casal uma parte dos principios fertilisantes que se concentraram no mato, cujos rebentos frescos come e na herva que cresce em volta d'elle. Todas as plantas que lá vegetam naturalmente, as urzes nos sitios mais magros, o mato e os fetos nos terrenos mais fundos, condensam d'alguma fôrma os vestigios de cal e acido phosphorico, que se achavam disseminados ahi e que o chimico mais habil não poderia descobrir: o cultivador breton, para utilizar estas materias em beneficio das suas culturas, serve-se de dois meios. Ora roça o mato com alguns centímetros de terra e relva; leva tudo para casa e emprega-o como cama nos estabulos, ou faz *compostos* depois de o ter deixado algum tempo no *vido* ou *eirado*. Outras vezes queima tudo, enterra com uma lavoura as cinzas e os restos d'humus e tira do terreno duas ou tres colheitas, centeio, trigo mourisco, aveia etc., abandonando por fim a terra á sua vegetação espontanea. É o systema cultural a que o conde de Gasparin chama « systema celta » precisamente porque é usado na Bretanha.

Por toda a parte, nas montanhas do Auvergne e do Forez, nos Vosges como na Bretanha, encontra-se este systema; necessario por causa da pobreza chimica dos terrenos de granito, convém tanto mais quanto o clima fôr mais humido, em consequencia da visinhança do mar ou da sua altitude. »

O snr. Leonce de Lavergne na sua obra classica sobre a *Economia rural da França*, tratando do oeste, diz:

« Estes bravios não são por si mesmo inteiramente improductivos: formam pastos melhores do que parecem e entre as plantas selvaticas, de que se compõem, ha uma, o mato, que occupa um lugar entre as riquezas naturaes, depois que se tornou sufficientemente conhecido. Póde ter quatro applicações

---

<sup>1</sup> Eug. Rilers, *Géol. agricole*.

diferentes que correspondem a outras tantas necessidades; fórma sebes, que o desenvolvimento dos seus rebentos e espinhos torna depressa impenetráveis: produz uma grande abundancia de lenha n'um paiz que carece de combustivel: fornece constantemente camas para os curraes; e é sobretudo precioso pelo excellente alimento que, cortado miudo e esmagado, proporciona a todos os animaes e especialmente aos cavallo. Já se não contentam com o que rebenta naturalmente: semeiam-no. O mato semeado dura de vinte a trinta annos; é considerado como o equivalente d'um bom prado. Á medida que a cultura o modifica, torna-se mais tenro e ha esperanças que venha a perder os espinhos. É a luzerna da Bretanha.»

As duas passagens que antecedem mostram claramente o grande valor economico do mato e os recursos de valiosissimo preço que fornece aos terrenos cultivados. A feição característica das formações geologicas, como a do Minho, é a escassez maior ou menor, segundo o granito, de calcareo e d'acido phosphorico: possuir uma planta selvatica, que se dê nas terras magras e improprias para qualquer cultura, que o exhaura e concentre, é sem duvida ter por beneficio da natureza um elemento de prosperidade. Se os cultivadores, guiados pela intuição genial, que nunca faltou ás raças civilisadas, não o tivessem sabido aproveitar, o rendimento em fructos e grãos das suas terras amanhadas seria muito menor, sobretudo nos tempos anteriores ao nosso, quando não estavam ainda desvendados os segredos da nutrição das plantas e animaes. Se a estas considerações juntarmos est'outra do relevo accidentado regional e da disposição dos terrenos, que se misturam os mais fundos e fertéis, com os que apenas possuem um sólo aravel d'alguns centímetros, facilmente nos convenceremos da alta importancia d'estas sarças montezinas e da perspicacia de que deu provas o homem do Minho aproveitando-as com todo o cuidado.

O systema agricola que estabelece a introduccão do mato é o mesmo que o snr. Laveleye observa na campina belga <sup>1</sup>. Tanto faz que o cultivador se sirva de urzes e torrão (*gazon*) para fazer os seus estrumes e que pastoreie o gado na charneca communal, como que semeie o mato em sitios analogos e o utilise para os mesmos fins. No fundo fica sempre a mesma condição fundamental — o sacrificio d'uma parte da terra em

---

<sup>1</sup> Em. de Laveleye, *Ec. rur. de la Belgique.*

favor d'outra ; dá-se em tal caso a combinação da *cultura extensiva e intensiva*, que é característica das duas regiões. Mas, como expõe este sabio economista, é esta combinação que tem auxiliado poderosamente o progresso agrícola na campina, por isso que permite, dado um terreno geralmente pobre, concentrar n'uma extensão muito restricta, a cultivada, os principios fertilisadores d'uma área extensa, a *lande*: mas aqui o methodo é tanto melhor, quanto não só se escolheu a mais util d'essas plantas selvaticas, mas tambem porque os terrenos *de bravo* não se podiam sujeitar na sua generalidade a nenhuma produção directa pela sua incapacidade improductiva.

Sabe-se que nas localidades ferteis e inicialmente ricas em principios assimilaveis, toda a superficie é cultivada: mas em cada casal as glebas estão divididas em afolhamentos de 3 até 9 annos: nem todas produzem grãos ou fructos, mas unicamente uma pequena parte, sendo as outras destinadas a forragens, ou plantas industriaes. A successão cultural é determinada pelo consumo que cada especie faz de certas substancias, de modo que a terra se vai melhorando nas rotações successivas. As palhas servem então exclusivamente para as camas dos animaes, que se alimentam de penso verde ou feno, produzido em lotes que lhes são especialmente destinados. Este systema, sem mato, faria diminuir sobremodo o rendimento da agricultura regional, por isso que com elle os campos podem produzir todos os annos quasi sempre duas colheitas; e, dada aquella eliminação, ficariam abandonadas sem proveito as terras que o produzem, visto não ser possivel haver lá nem hervasgens, nem cereaes.

O mato será pois sempre uma planta de grande interesse agrícola na região, sendo digno de notar-se que as applicções, que lhe dá o breton, são as mesmas que se encontram aqui, excepto o uso de o cortar e esmagar para a alimentação dos cavallos: o que deveria experimentar-se, pois não é difficil a construcção de esmagadeiras apropriadas, e em certas quadras do anno seria um recurso de muito proveito.

Devemos todavia observar que o processo e época de o cortar e a maneira de fazer com elle os adubos, se poderiam aperfeiçoar notavelmente e com grande vantagem, sem novas despezas ou mais trabalho.

Actualmente é cortado rude e brutalmente com enxadas rombas, quando ha vagar: esta operação designada pela palavra « roçar » é feita quasi sempre ou por conta propria no

intervallo de outros serviços, ou é dada por empreitada a jornaleiros, que a vão fazendo nos dias em que lhes faltam trabalhos a jornal. As duas variedades são muito rusticas e resistem aos peores tratamentos, mas ainda assim vão-se resentindo e enfraquecendo até se extinguirem. Torna-se então necessario semear de novo, o que occasiona uma despeza e uma cessação de rendimento durante dous annos.

Se attendermos á sua vegetação, o córte deveria fazer-se sempre desde agosto até ao fim do outono, isto é, durante a estação em que não cresce nem enflora, havendo demais a vantagem de ter vingado a semente, que poderá revestir as clareiras que qualquer circumstancia tenha escalvado.

O córte deveria fazer-se com instrumento especialmente proprio, talvez com uma fouce curva de fôrma aproximada ás que se usam na ceifa do feno, apenas um pouco mais curta e talvez mais pesada <sup>1</sup>. D'este modo o golpe seria mais firme e os cotos rentes ao chão não ficariam quebrados ou esmagados, como acontece actualmente.

Quanto ao seu aproveitamento ha igualmente muitas negligencias a corrigir. Todas as casas rusticas do Minho possuem um pateo, cercado pela casa d'habitação e curraes, a que chamam *eido*, *cirado*, *quinteiro* e em alguns sitios *rua*. O mato é transportado para aqui e estendido ao ar livre. Fica ahi, dizem, para se ir esmagando debaixo dos pés dos animaes, quando entram ou sahem: depois é passado para os estabulos e em algumas localidades só uma parte; a outra permanece ahi, sendo depois empilhado com o das córtes. Este methodo é muito deficiente. Exposto ás intemperies vai-se decompondo e as chuvas levam-lhe aquelles preciosos principios que a planta tinha concentrado.

Considerando todas as circumstancias enumeradas, deveria ser roçado unicamente na época morta, com um instrumento afiado, e em casa deveria ficar debaixo d'um abrigo, até ser introduzido nos estabulos á medida que fosse sendo necessario. Conservaria então toda a sua riqueza primitiva e produziria um adubo d'uma qualidade superior sem augmento de trabalho ou despeza.

No Minho como na Bretanha não se satisfazem e com ra-

---

<sup>1</sup> No caminho de ferro do Minho onde se usa o mato para sustentar os aterros, não é permittido roçal-o á enxada: vendem-no com a clausula de ser cortado com a *fouce roçadoura* commum.



zão com o que brota naturalmente. Semeia-se. Esta operação é d'uma execução muito facil. Basta cavar a terra á profundidade de 0<sup>m</sup>,20, o que se chama *picar*: se a sementeira se faz em terreno coberto de urzes é necessario queimar os torrões, aliás estas matal-o-hiam. As pequenas pedras soltas ajuntam-se a um lado e empregam-se na composição de qualquer caminho, pois que a limpeza do terreno facilita muito o trabalho do córte. A cavagem deve fazer-se entre julho e agosto: em novembro grada-se a terra e semeia-se, ou só ou associado ao centeio ou tremoços; n'este ultimo caso é necessario estrumar. Quando se empregam os tremoços, diz-se, que elles pagam toda a despeza; mas o centeio tem a vantagem de o proteger na primeira idade, pois parece desenvolver-se melhor com este abrigo. D'uma extrema robustez quando adulto, nos primeiros tempos é muito delicado: mas desde que as suas profundas raizes penetrem pelo sub-sólo, tenho visto algumas que descem a 3 e 4 metros, arrostará por largos annos as inclemencias do clima, a magreza do terreno e os maus tratos que lhe dá o cultivador e o seu gado.

Sómente um fino e delgado vegetal o destroe: é uma parasita, pequena planta herbacea, a que o povo chama *linho de raposa*, coscuta elegante e delicada, que o abraça e enleia em tantas e tão multiplicadas voltas de modo que o pobre succumbe irremediavelmente. Quando appareça, o unico remedio é cortar cerce o tufo inteiro, enrolal-o e queimar tudo immediatamente. O mal não se propaga: mas se ha a imprevidencia de misturar os mateiros atacados com os outros e deixal-os estendidos antes de os transportar, então as sementes espalhando-se, o mal caminhará rapidamente. É por causa d'esta negligencia que se vêm matagaes destruidos; torna-se necessario semeal-os de novo, trabalho e despeza que um ligeiro cuidado evitaria.

A colheita da semente é uma operação delicada e que demanda muito cuidado. Como a de todas as leguminosas está envolvida n'uma vagem (legumen) que quando madura abre e deixa cahir os grãos. Estes, para se aproveitarem, devem ser colhidos antes do seu perfeito amadurecimento. As pessoas que os apanham, geralmente mulheres e crianças pobres, fazem-no furtivamente e por isso deterioram os matos onde operam. Para se guardarem dos espinhos, envolvem as mãos em tiras de couro, e apertando o tufo ao rez do solo, correm-nas de baixo para cima: a mão vem cheia de vagens, mas tambem de folhas e ramilhos quebrados, ficando a mouiteira

amarfanhada e como que calcada: se não fôr cortada logo, enfraquece e rebenta mal mais tarde. Este processo barbaço deveria ser substituído pelo emprego de tesouras que se aproximassem ás de podar. Collocando a cesta debaixo dos ramos d'onde pendem as vagens, e cortando-as, a planta apenas soffreria uma poda ligeira que em nada a prejudica n'este periodo da sua vegetação.

As glebas onde se produz tem diferentes designações locais, conforme a sua situação e extensão. Todavia *bouça* é o termo mais commum; indica uma parcella, vedada de paredes ou valos e semcada de mato, geralmente com arvores, carvalhos e sobreiros no Minho central, pinheiros bravos (*pinus maritima*) na zona litoral. Estas glebas encontram-se por toda a parte, intermeando-se com os campos: são ellas que pelo seu caracter florestal e silvestre quebram a monotonia do lavradio, que aliás possuiria toda a região: são ellas as que lhe dão este tom fresco e risonho, as sombras e o cambiante de colorido que fazem parecer todo o paiz a uma grande floresta com umas certas clareiras cultivadas: são ellas emfim que abundam o cultivador do principal elemento da fertilidade das suas terras araveis, e que lhe fornecem uma pastagem nutritiva ao gado, quando aquellas estão occupadas de cereaes, abastecendo-o tambem de combustivel, madeira e tutores para as outras culturas. Na beira-mar, onde o carvalho desaparece e é substituído pelo pinheiro, a paizagem torna-se mais sombria e monotona, mas o regimen economico é o mesmo, com a differença que durando menos tempo, é necessario renovar o mais amiudadamente.

Quando a extensão vedada é muito grande e a parede excede a 1<sup>m</sup>,30 ou 1<sup>m</sup>,40, a gleba toma então o nome de *cerca*. Esta especie é hoje só possuída pelas grandes quintas e antigamente pelos conventos: mas a cerca não differe em outra circumstancia mais da *bouça*, excepto ter arvores maiores, porque os proprietarios ricos podem-nas conservar mais tempo.

A palavra *deveza*, que está a desaparecer da linguagem popular designava especialmente uma plantação de carvalhos de *talhadia*. Nos concelhos, que prendem com o nordeste montanhoso, exprimem-se estas glebas com a palavra « mato »: possuir um « mato » é ter um carvalhal que se corta de tempos a tempos ao rez do chão, sendo o seu principal e quasi unico rendimento a lenha e a casca que é aproveitada cuidadosamente, para ser vendida aos fabricantes de couros.

Todos estes termos indicam terrenos ematados e misturados mais ou menos com os lavradores. Dada uma área, o cultivador excluiu da cultura aquella parte que lhe pareceu imprópria para a produção directa e semeou-a de mato. Nos sitios onde os terrenos são todos cultivaveis, as bouças afastam-se e estabelecem-se mais longe, onde o sólo se mostrou incapaz e rebelde á cultura. Por isso se encontram em sitios manchas extensas de mato; nos montes sobretudo este caso é vulgar. Aqui apparecem tambem as *sortes*, restos ainda talvez d'uma antiga propriedade communal. Esta palavra designa uma gleba, limitada com marcos de pedra ou arvores, onde o proprietario só tem como direito exclusivo o de *roçar*, sendo a pastagem commum a todos os visinhos d'uma freguezia ou lugar. Os montes, divididos assim entre os proprietarios dos valles e da meia encosta eram governados por dous regimens differentes: a propriedade particular quanto ao *roço*, a commum quanto ao pasto. Por toda região ainda se encontra actualmente este regimen, que já desapareceu em muitos pontos e desaparecerá fatalmente dentro de alguns annos da provincia. A pratica tendo mostrado que o arvoredado não se pôde desenvolver nos montados, sujeitos a este costume, e que o mato, tozado constantemente pelo dente do gado, cresce vagarosamente e se torna excessivamente lenhoso, e por outro lado o código civil permittindo a vedação, os proprietarios vão tapan-do cada um as suas sortes, de modo que dentro d'um periodo curto não mais haverá terras d'esta especie no litoral e centro do Minho. Este movimento não se fez comtudo facilmente: em muitos sitios houve levantamentos da população pobre e sobretudo dos pequenos lavradores, a quem faria falta o logradouro commum. Mas no estado em que se achavam ultimamente os montes tosquiados e rapados pelos homens e animaes, sem arvoredos e com pouco mato, a utilidade que prestavam era na verdade insignificante, para não dizer nulla.

«Em alguns concelhos em que se dividiram os baldios tem-se tirado bom resultado, como se vê no concelho de Monsão, que está coberto de pinhaes, tendo talvez a melhor agricultura do districto, muitos gados e vivendo bem os povos sem os baldios <sup>1</sup>.»

A resistencia, que se oppunha ao movimento era mais pro-

---

<sup>1</sup> *Recenseamento geral dos gados, 1870*: Relat. do snr. J. Lino Emilio, pag. 349.

duzida pelo habito tradicional, do que por uma verdadeira necessidade; pois de facto esses terrenos vagos estavam realmente assolados. Mas tapados cobrem-se e tufam-se immediatamente d'árvores; picados e semeados de mato o rendimento n'esta especie sobe de 1 a 10 ou mais.

As terras *de bravio* não tem um valor independente no calculo geral d'uma propriedade: consideradas como auxiliares indispensaveis das outras, não se lhes attribue um rendimento directo. É certo que as *de lavradio* terão n'esta relação mais ou menos merecimento, segundo possuem annexadas as glebas de mato em maior ou menor quantidade, e mais ou menos proximas: como aquelle producto vem fertilisar as ultimas, é evidente que o lavrador que o vendesse, esterilisaria os seus campos. Na compra d'uma propriedade que não tem *bravios*, o comprador calcula o mato que será necessario e abate-lhe o seu valor.

Em toda a provincia a extensão d'estes terrenos é muito consideravel, como se deveria suppôr em consequencia dos beneficios que prestam á lavoura. O *Relatorio acerca da arborisação geral do paiz* <sup>1</sup> calcula a sua área em 224:000 hectares, que divide da seguinte forma:

ENTRE DOURO E O CAVADO :

|   |                 |
|---|-----------------|
| Ao nascente do Tamega, entre este rio e a ribeira de Teixeira, suppondo-a prolongada para o norte até ás alturas de Mondim.....           | 19:000 hectares |
| Ao poente do Tamega, na corda de serras que se prolonga desde o Douro até ao Cavado (70 a 75 kilometros) desde Melres até á Cabreira..... | 32:000 »        |
| Sólo inculto correspondente á bacia do Sousa.....   | 9:000 »         |
| Dito ao norte do Ave, Terra-Negra, etc.   | 3:000 »         |
| Dito entre Villa Nova de Famalicão e Guimarães .....  | 1:300 »         |
|   | <hr/> 64:300 »  |

<sup>1</sup> Lisboa, typographia da Academia Real das Sciencias, 1868.

|   |               |          |
|---|---------------|----------|
| <i>Transporte...</i>  | 64:300        | hectares |
| Sólo inculto na serra da Falperra a contar das alturas de Pedralva para SO... | 5:200         | »        |
| Dito desde Aboim até Guimarães.....   | 10:500        | »        |
| Dito desde as alturas de Ruivães até Braga                                    | 8:200         | »        |
| Dito no monte das Caldas (entre Braga e Barcellos) e serra d'Airó.....        | 800           | »        |
|   | <u>89:000</u> | »        |

## ENTRE O CAVADO E O MINHO :

|   |                |          |
|---|----------------|----------|
| Serra do Gerez e da Abadia.....   | 16:000         | hectares |
| Serra Amarella entre o Homem e o Lima   | 13:000         | »        |
| Retalhos incultos que cercam o Neiva...   | 21:000         | »        |
| Serras do Soajo, Castro Laboreiro e outras situadas entre a fronteira da Galliza e o Valle de Vez .....   | 51:000         | »        |
| Serras do Corno-de-Bico, de Miranda e da Bolhosa .....  | 11:000         | »        |
| Ao poente das serras de Miranda e da Bolhosa, comprehendendo as da Labruge, d'Arga, de Perre, de Santa Luzia e de Faro, situadas entre os valles do Lima e Coura, e nas de Carvalho e Sampaio, entre os valles do Coura e Minho.... | 23:000         | »        |
|   | <u>135:000</u> | »        |

Pela descripção que precede vê-se que as manchas incultas são mais consideraveis nos sitios onde escasseia a população, o que é devido principalmente á configuração do sólo, e onde a agricultura se torna mais *extensiva*. Essas partes montanhosas, de encostas escarpadas, e de valles apertados, estão na sua generalidade dispostas a receber florestas. O cultivo deverá ser a excepção. Nos outros pontos a cultura atacou por todos os lados os terrenos aproveitaveis, deixando apenas fóra da sua industria os tractos que se não prestavam a ser explorados senão indirectamente, por um producto que a viesse auxiliar.

Fica comtudo avaliada a extensão inculta em 224:000 hectares : mas este calculo deve ser inferior á verdade, por isso que os illustres redactores do Relatorio apenas attende-

ram ás nodoas mais largas, deixando de lado as pequenas que se intercalam no meio das culturas e que sommadas devem perfazer uma verba importante.

Em todo o caso a relação entre a área total da provincia, representada por 768:546 hectares <sup>1</sup>, e o terreno inculto será 1 de bravio para 3,4 da superficie geral.

Se se quizesse procurar a relação entre as terras agricultadas e as incultas, seria necessario deduzir primeiramente á superficie total o espaço occupado pelas cidades, casas dispersas, leito dos rios, estradas, etc., e acrescentar ás segundas a somma de todas as parcelas, a que anteriormente nos referimos, o que daria certamente a relação de 1 : 1 ou antes com mais verdade uma maior extensão das ultimas. Á primeira vista a agricultura vêr-se-hia reduzida a menos da metade da superficie livre para o exercicio d'esta industria : mas ponderada a função que estas exercem, como temos exposto, é fóra de duvida que se devem considerar aproveitadas, pelo immenso auxilio que prestam á produção agricola. Só em certos sitios, onde as manchas são maiores, se encontram excepcionalmente bravios, que podiam ser arroteados, como acontece no Alto-Minho, segundo observa o Relatorio.

Dada a topographia e a geologia do Minho, a conservação do mato representa uma verdadeira necessidade local. Não quer isto dizer que o seu aproveitamento satisfaça todas as precisões da formação dos adubos e que o cultivador deva, como até hoje, continuar a privar-se do uso das substancias calcareas, que exercem uma influencia fecundante de primeira ordem n'uma terra, em que faltam ou escasseiam notavelmente ; mas sim que é e será sempre um recurso immenso, porque põe á sua disposição uma enorme massa de substancias fertilisadoras por um preço minimo, produzidas em terra de que aliás não poderia tirar outro proveito.

N'este ponto a sua actividade deveria convergir em ematar por igual os seus bravios principalmente com a variedade *molar*, mais rendosa, mais tenra e que se desagrega mais facilmente, formando uma pasta mais fina e mais espessa. A arborisação devia seguir este trabalho, escolhendo-se as essencias que sejam proprias para a produção de madeira e lenha. O rendimento de taes terrenos, considerados como productores de pastagens, mato e madeiras poder-se-hia elevar muito con-

---

<sup>1</sup> *Revista de Guimarães*, vol. II, n.º 4.

sideravelmente. O desnudamento florestal, que se pôde notar em algumas localidades da região, representa na maior parte uma negligencia condemnavel, porque com um pequeno trabalho o paiz augmentaria a sua riqueza e o aformoseamento das suas terras.

A falta de combustivel que se sente em sitios não tem outra origem : emquanto a população lucha com difficuldades para obter a lenha necessaria aos seus usos domesticos, e a transporta de grandes distancias, ao pé existem bouças despidas d'arvores. É um erro suppôr que n'estas condições o mato cresce e se desenvolve melhor : pelo contrario, exposto, sem o abrigo das sombras, á acção directa do sol, torna-se mais duro, mais lenhoso e de mais difficil decomposição.

N'um paiz, como este, tão densamente populoso é preciso bemfeitorisar toda a terra, e qualquer que seja o aproveitamento, imposto pela sua situação e qualidade, é necessario que se torne o mais rendosa possível. O cultivador na maioria das vezes, colono por simples arrendamento, não pôde emprehender e realisar estes melhoramentos a largo prazo : é então que deve apparecer a acção do proprietario, a quem cumpre não deixar diminuir o rendimento e ao contrario esforçar-se para que vá augmentando successivamente.

Guimarães — Abril, 1886.

ALBERTO SAMPAIO.